



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Cinco Ensaios Circum-Camonianos', de Maria Luisa Meneghetti]

Maria Vitalina Leal de Matos

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Vitalina Leal de Matos, "[Recensão crítica a 'Cinco Ensaios Circum-Camonianos', de Maria Luisa Meneghetti]", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 260-262.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

veita um ou outro, ficando os restantes para todos nós. E é aqui que o centro processual deste livro se verifica, porque *Atlas do Corpo e da Imaginação* é um livro sobre as várias formas do movimento humano (o que as fotos em geral documentam, com a ironia de, sendo fotos, darem o movimento fixo, só pela imaginação o leitor o realizando como tal, e determinando-se a escrita pelo seu poder de múltipla irradiação). Em especial, aqui, no movimento de pensar. Mas também, na relação com o estudo de Compagnon, em certos tipos de trabalho citacional por este apontados e que o *Atlas* pratica, do qual destaco os que o autor francês designa por teratológico (desvio do código citacional admitido) e *trompe-l'œil* (criador de ilusões). Processos que também poderemos ligar à criação da ficção.

Livro que seduz pela profundidade e inteligência da sua via reflexiva, pela hábil convocação de estratos diferenciados do humano existir e pela elaboração estética com que no-las transmite, lê-se apaixonadamente, sem que se dê pelo tempo. O que é estranho, em matéria abstracta e reflexiva, que exige atenção vigilante. E é, além do mais, em muitos passos, um livro divertido, pelo tom inesperadamente faceto por vezes usado, no estilo e na narração. Mas são ainda modos de trabalhar o «efeito de estranheza», que tenho assinalado na obra de Gonçalo M. Tavares, e que, mais uma vez, atrai, seduz e nos encaminha para formas de plenitude que só a arte permite em duração.

Maria Alzira Seixo

NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

¹ Roland Barthes, «La phrase dans *Bouvard et Pécuchet* de Flaubert», seminário, 3.º ciclo, Univ. Paris VII, 1974-1975.

ENSAIO

Maria Luisa Meneghetti,
Cesare Segre, Giuseppe Tavani
CINCO ENSAIOS
CIRCUM-CAMONIANOS

Coordenação e tradução de Rita Marnoto
Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos
Camonianos / 2012

Rita Marnoto apresenta nesta obra um conjunto de estudos que têm como objetivo «alargar as fronteiras do saber e da erudição de Luís de Camões» (p. 7).

Não é de estranhar que a coordenadora e tradutora do volume promova a edição deste conjunto de estudos, sendo, como é, a principal especialista das relações de Camões com a cultura italiana, sobretudo a partir da sua dissertação de doutoramento, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo* (Univ. Coimbra, 1997) e em abundante bibliografia posterior.

Com a mestria, a fina erudição e o *savoir-faire* confirmado, os três autores italianos abordam matérias diversas mas de substancial importância e tradição nos estudos camonianos.

Trata-se de investigações periféricas, que colocam a obra camonianiana no ambiente cultural e literário em que ela deve ser situada. Um ambiente repassado pela difusão da obra de Ludovico Ariosto¹, que constitui o «imediate precedente»² da obra épica de Camões, mas onde ainda ecoam as obras de Dante e de Boccaccio. De forma geral, difusa mas real, a perspectiva genológica explica a pertinência de alguns destes estudos: a novela de cavalaria, o género assumido pelo *Orlando Furioso* (para já não falar em Boiardo), ao evoluir para o poema épico, em Camões e em Tasso, levanta questões complexas. No primeiro ensaio, de Maria Luisa Meneghetti, «*Orlando Furioso*, Canto VIII.

O Jogo do Verdadeiro e do Falso», são analisados problemas de conteúdo — a questão do autêntico e do fabuloso (nas suas mais diversas modulações de ilusão, encanto, sonho, premonição, falsidade, mentira, disfarce, ambiguidade)³; e problemas estruturais ou de composição que estão na origem de questões fulcrais da crítica camoniana.

Mesmo quando não aludem a Camões, estes trabalhos revelam a teia invisível que subjaz às relações entre as obras no seio da cultura europeia e num âmbito cronológico que vai da Idade Média ao reinado de Luís XIV, coligindo elementos que atravessam fronteiras religiosas, pois a tradição maometana ou mourisca presente no imaginário medieval permanece viva, assumindo depois outras formas e temáticas.

O artigo seguinte — «Palácios Subterráneos, Amores Proibidos» — contextualiza o episódio de Inês de Castro, através de um abundante «*corpus* temático» (p. 50) que incide particularmente na *Estoria de dos amadores*⁴, de J. Rodríguez del Padrón, e de *El baladro del savio Merlin*; ao formular a hipótese de que as semelhanças inegáveis⁵ destas e doutras versões do episódio configurem um arquétipo, a autora rastreia outras tematizações com afinidades, que vão das *Mil e Uma Noites* até ao romance do argentino Ernesto Sábato, *Informe sobre ciegos*, onde se percebe que o *topos* do amor proibido pode assumir a forma do incesto, e confirma a ideia enunciada na primeira parte do estudo de que a trama passional tem incidências dinásticas (apontando o início de uma estirpe, e, mais frequentemente, o seu fim).

Cesare Segre, mais conhecido em Portugal pela obra no âmbito da crítica filológica, estruturalista e semiótica, mas também autor de edições e de bibliografia no domínio do romance medieval e da

obra ariostesca, comparece com o estudo «Viagens deste Mundo e do Outro». O trabalho assenta numa enorme erudição respeitante ao tema da viagem, desde os séculos clássicos — as obras fundadoras de Homero — até às da alta Idade Média (narrativas de peregrinação ou das cruzadas, e as viagens ao outro mundo), revendo os domínios pagão, cristão e muçulmano. O autor considera as viagens no tempo e no espaço e estabelece quatro tipos de viagens, bem definidos e exemplificados (p. 59) e os «esquemas arquetípicos» (p. 60) em que se inscrevem: oriente/ocidente; alto/baixo. O seu ponto de chegada é a *Commedia* de Dante. O estudo constitui uma moldura do género; aquilo que o autor diz sobre Camões encontra-se na p. 56. «A grande inovação será mesmo a de Camões.»

O quarto ensaio consiste numa entrevista em que Rita Marnoto⁶ formula «Três Questões sobre *Os Lusíadas*», interrogando o ensaísta sobre a razão de o «fascínio d'*Os Lusíadas*» poder resultar da busca do desconhecido e da configuração particular do herói. Segre é o único crítico que aborda frontalmente a epopeia camoniana: aponta-lhe a novidade e deteta-lhe alguns dos problemas com que a crítica tem sempre tropeçado, como o do género: «*Os Lusíadas* devem ser considerados como um disfarce épico daqueles relatos de viagem, produto quase natural de um adensamento das explorações e das conquistas»; questão insistentemente discutida, e para a qual as respostas são diversas. Salienta um conflito entre forma e conteúdo, derivado da novidade do projeto camoniano e abordando a velha questão da insuficiência da intriga, ou da ação do poema, que tanta tinta já fez correr. Relacionado com este, está o problema do herói, que não incarna em nenhuma das figuras do texto; e, a propósito, salienta-se «o conflito do

homem com a natureza» (p. 74). Por fim, aborda-se a ficção da Ilha de Vénus, com a dupla face de apogeu erótico e de decepção que o próprio poeta provoca.

O último ensaio é da autoria de Giuseppe Tavani, «Os Cancioneiros Foragidos da Península Ibérica». Com autoridade magistral na área da tradição manuscrita da poesia lírica, o autor traça um panorama da situação peninsular no que toca à existência ou ausência de cancioneiros da poesia trovadoresca, matéria indispensável para o conhecimento do contexto editorial da lírica quinhentista. Tavani compara a área catalã, onde são numerosos os cancioneiros e miscelâneas (completos ou não), com Castela e Portugal que «a esse respeito [...] encontram-se absolutamente desprovidos» (p. 85-6). Interroga-se então sobre a origem do gosto pela poesia provençal que D. Dinis manifesta, admitindo a hipótese de «um cancioneiro rigorosamente foragido» (p. 87) e estranha esta ausência de elementos, que contrasta com a «ampla documentação indirecta da sua presença na memória [...] das gerações sucessivas» (p. 88). Investiga então o testemunho do marquês de Santillana (carta escrita ao Infante D. Pedro em que recorda ter visto, aos 14 anos, «un gran volúmen de cantigas, serranas é decires portuguesas é gallegos», p. 88) e depois a «sumária lista dos livros» da biblioteca da corte de D. Duarte. Aqui, depois de um exame criterioso, o autor conclui que houve «quatro cancioneiros, ou melhor, cinco, [...] que me parece lícito declarar foragidos» (p. 91).

Porém, neste domínio — onde se torna forçoso proceder com uma argúcia de detetive e um conhecimento diurno e noturno de uma massa documental enorme — não há apenas desaparecimentos, mas também aparecimentos ou emersões, como é o caso ocorrido em 1990, «no Arquivo Nacional da Torre do Tombo

[...] onde a capa de um livro notarial de 1571 restituiu uma folha de pergaminho mutilada e bastante mal conservada, na qual se encontram transcritas sete cantigas de amor de D. Dinis, acompanhadas de suporte musical» (p. 92). Juntando a esta descoberta uma outra, do Pergaminho Vindel (cantigas de Martin Codax), as ocorrências como a do brasileiro Francisco Varnhagen, que viu em Madrid, na casa de um «Grande de Hespanha», uma compilação que muitos anos mais tarde veio a ser posta à venda, formamos uma ideia aproximada da complexidade desta matéria.

Nesta floresta de fugas, «arrepentimentos» e emersões, encontramos no século XVI «o famoso ‘libro dei Portoghesi’» (p. 97) que serviu de base ao humanista Angelo Colocci para as duas cópias que são o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* e o *Cancioneiro da Vaticana*, as quais, com o *Cancioneiro da Ajuda*, constituem hoje o *corpus* disponível da lírica galego-portuguesa.

O volume termina com uma nota sucinta sobre a obra dos três autores (à qual poderíamos hoje acrescentar a morte de Cesare Segre, já em 2014) e um índice de nomes.

Maria Vitalina Leal de Matos

NOTAS

- ¹ «O poema de Ariosto foi a obra da literatura italiana com maior número de impressões no séc. XVI» (Rita Marnoto, *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Editorial Caminho, 2011, p. 38).
- ² Idem, *ibid.*, p. 39.
- ³ Chegando à subtil questão das «rimas equívocas» usadas por Ariosto em passos adequadamente escolhidos do *Furioso*, cf. p. 29-31.
- ⁴ Da obra *Siervo libre de amor*.
- ⁵ Palácios subterrâneos, amores trágicos, mausoléus da celebração da memória dos amantes mortos.
- ⁶ Que não está identificada no artigo em questão.